



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE-UFS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGeo



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”  
São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

---

## A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE EM FEIRA DE SANTANA, BAHIA: A FEIRA LIVRE E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO.

### **Eliany Dionizio Lima**

Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – NPGeo.  
Universidade Federal de Sergipe.  
Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as  
Políticas de Reordenamentos Territoriais – GPECT.  
E-mail: lialima\_1981@hotmail.com

### **Alexandrina Luz Conceição**

Orientadora e professora do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia – UFS.  
Líder do Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as  
Políticas de Reordenamentos Territoriais – GPECT.  
E-mail: aluz@oi.com.br

No presente resumo desenvolvemos uma breve apresentação da investigação realizada durante o mestrado, evidenciando aspectos que nortearam a construção de nossa pesquisa finalizando na elaboração da dissertação intitulada **A feira livre na mediação campo-cidade**, que teve como objetivo refletir sobre a mediação que a feira livre estabelece na divisão social e territorial do trabalho e na constituição da relação campo-cidade no município de Feira de Santana/BA.

Uma análise desenvolvida considerando a unidade dialética da teoria e prática para compreender a realidade pesquisa, discutindo como se estabelece a relação campo-cidade, especificamente em Feira de Santana, a partir do processo de produção do espaço, para entender de que forma são construídas no espaço as condições para a efetivação do ciclo do capital.

O estudo foi desenvolvido a partir da abordagem crítica para explicar a realidade, considerando a Feira Livre como mediação estabelecida na configuração da relação campo-cidade no município de Feira de Santana, refletindo sobre a produção do espaço do município e valorizando as particularidades que são determinadas pela totalidade das relações dentro da lógica do modo de produção capitalista.

A pesquisa se sustentou no método do materialismo histórico-dialético, que permitiu analisar a temática na perspectiva da relação entre fazer e pensar como forma de explicar a realidade. Tendo as seguintes etapas como base para a sua realização: aprofundamento da

literatura, pesquisa de campo, observação, tabulação de dados e elaboração do texto com a análise dos resultados.

Partiu-se do pressuposto de que a feira livre, no modo de produção capitalista, foi perdendo a sua condição de circulação simples de mercadoria e foi sendo inscrita nos espaços de circulação e consumo da produção do campo, na completude do ciclo da circulação do capital. Portanto, entender este ciclo do capital, como se processa o circuito de produção, distribuição, troca (circulação) e consumo permitiu refletir sobre a funcionalidade das feiras livres nos tempos históricos do modo de produção capitalista.

Ao redigir o *Capital: na crítica da economia política*, Karl Marx (2008) teve como ponto de partida o estudo da mercadoria. A sua preocupação central estava em explicar o processo de produção do capital, sua acumulação e o processo de expropriação do trabalho para a produção de mercadorias. Mercadorias essas definidas como expressão do trabalho humano abstrato, produto de determinado trabalho concreto. Mas, como afirma Karl Marx, “o caráter fetichista da mercadoria não resulta de seu simples valor de uso, nem tampouco das determinações de valor” (MARX, 2008, p. 70); é só mediante a troca de seus produtos de trabalho é que os produtores entram em contato social; somente na troca “os produtos recebem uma objetividade de valor socialmente igual separada da sua objetividade de uso” (MARX, 2008, p. 71). Destarte, para ser mercadoria, é preciso que esta seja transferida ao comprador como objeto de uso - uma necessidade. O que na nossa pesquisa foi analisado a partir das transformações que ocorreram na dinâmica da feira livre em Feira de Santana.

Considerando a dialética da igualização e da diferenciação, compreende-se que a leitura da Feira Livre só pode ser entendida partindo do pressuposto de que “A diferenciação do espaço geográfico assume muitas formas, mas fundamentalmente expressa à diferenciação social que é a verdadeira definição do capital: a relação entre capital e trabalho” (SMITH, 1988, p. 217). Adentrar por esta lógica dialética é entender que a Feira Livre é uma condição de mediação na relação campo – cidade. Mediação que se configura na divisão social e territorial do trabalho. Refletir analiticamente esta condição nos levou a mergulhar na leitura da produção do espaço do município de Feira de Santana.

Refletir sobre a relação campo-cidade possibilitou identificar as alterações que foram produzidas no espaço ao longo do processo histórico, observando as formas, para quem e por que ocorre a apropriação do espaço e do território. Neste sentido, campo e cidade, apesar de espaços aparentemente distintos, fazem parte da totalidade das mediações produção/trabalho/distribuição/feira/troca (circulação)/ consumo do circuito integrado do capital. E a Feira Livre constitui a unidade da mediação campo e cidade em constante processo de

produção espacial, onde cada qual complementa o sentido do outro, existindo um em função do outro.

No caso específico do município de Feira de Santana/BA, concluímos que o processo de produção do espaço desse município esteve historicamente imbricado na relação campo-cidade, no sistema escalar da divisão social e territorial do trabalho, para o qual a separação dos espaços é mais um elemento que permite a acumulação do capital.

Neste sentido, é preciso compreender que para promover a evolução social, são construídas as condições materiais e sociais que servem de base para a sociedade, através das quais são definidas como ocorre a relação homem-natureza, e dos homens entre si, no processo de produção que determina como, por que e para que o espaço é apropriado:

[...] o processo da produção é, em todos os graus da evolução social, uma unidade formada por dois elementos distintos, embora intimamente relacionados: as condições técnicas e as sociais, isto é, da relação dos homens com a natureza e das relações dos homens entre si (LUXEMBURGO, 1983, p. 12).

Isto permitiu concluir que, desde o século XVIII, ao longo do processo de ocupação territorial no município de Feira de Santana, a Feira Livre se constituiu uma mediação das relações sociais de trabalho e produção, e possibilitou o comércio de produtos do campo para a cidade e da cidade para o campo.

A mediação estabelecida com a Feira Livre possibilitou a efetivação do ciclo do capital, no processo de circulação e consumo dos produtos agropecuários, bem como de produtos produzidos na cidade. Assim, as transformações na dinâmica da Feira Livre no decorrer do tempo histórico foram produzidas para atender às mudanças na estrutura produtiva que se estabelece no campo e na cidade.

Adentrar por esta lógica dialética permitiu entender que a produção do espaço do município de Feira de Santana/BA teve seu crescimento marcado no espaço da troca e consumo de mercadorias de subsistência. E, na medida em que se estabeleceram novas reestruturações nas formas de acumulação do capital, a unidade dialética contraditória do campo e cidade foi sendo inscrita na nova lógica de reprodução ampliada. As transformações observadas evidenciam que os espaços são produzidos para garantir a efetivação do ciclo do capital, e a forma como se estabelece a divisão social e territorial do trabalho é o determinante para sua produção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUXEMBURGO, Rosa. **Introdução à economia política**. São Paulo: Martins Fontes, (1ª edição) s/d.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I, Volume 1. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**: Natureza, Capital e a Produção do Espaço. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

Eixo Temático: Agrária